



O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E OS ASPECTOS PEDAGÓGICOS NO TRABALHO COM AS CRIANÇAS

Sandra Regina Gardacho Pietrobon



Sumário

- **Apresentação**
- **1. A Oralidade, Escrita e Leitura**
- **2. O Ensino da Língua Portuguesa para as Crianças**
- **2.1 O trabalho pedagógico com a linguagem oral e escrita na educação infantil**
- **2.2 O trabalho pedagógico nos anos iniciais do ensino fundamental**
- **3. A Prática Docente e a Língua Portuguesa: Planejamento e Elaboração de Propostas**
- **Considerações Finais**
- **Referências**





Apresentação

Prezados alunos,

Este material objetiva trazer discussões alinhadas a uma concepção de criança como participante dos processos de aprendizado com a linguagem oral e escrita e a leitura como elemento fundamental de aproximação delas com os diferentes gêneros textuais.

A oralidade, leitura e escrita são trabalhados para demonstrar que a relação no cotidiano escolar é estabelecida com práticas que mobilizam o entendimento da sua função social.

Sugere-se, pois, possibilidades de trabalho com a língua portuguesa para crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, considerando a alfabetização como um trabalho contínuo que compreende o domínio do código escrito e se amplia no uso e função social da escrita, situada e contextualizada, para que o leitor realize análises e reflexões, sendo ativo e participativo. Espera-se que gostem do material e realizem bons estudos.





1. A Oralidade, Escrita e Leitura

Ao tratar das questões referentes à oralidade, leitura e escrita, embora estejam imbricadas em muitos momentos, destaca-se cada uma delas. O material está voltado à etapa da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, trabalho pedagógico com crianças que aprendem por meio da imitação, da interação social e observando o mundo à volta. Assim, teóricos como Piaget e Vygotsky trazem uma visão de que a criança aprende interagindo, participando, e que a aprendizagem é uma elaboração cognitiva e se dá num processo. A autora Felipe (2012) explica:

As teorias sociointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada. (p. 27)





A linguagem oral e a linguagem escrita são parte das interações humanas, da comunicação, pois vive-se em uma cultura letrada. “Língua oral e língua escrita não podem, entretanto, ser tomadas como idênticas e unas, pois se constituem como modalidades distintas de uso da língua.” (FRONCKOWIAK; AYRES; LEBLER, 2019, p. 258). O papel da escola é promover a expressão oral das crianças, respeitando as formas de expressão e mostrando diferentes gêneros textuais e formas de escrita, para que percebam as nuances e modos de registro existentes.

O ato de ler, por sua vez, está presente em várias ações do cotidiano, pois mesmo as crianças ainda não alfabetizadas, que não dominam o código formal de escrita, também realizam leituras dos contextos, das imagens, dos símbolos.

Imagem 1 - Charge da Mafalda (Quino)



Fonte: Redação em Rede Blogspot.





Portanto, considerando a escola como espaço de aprendizado e interação a partir dos objetos de conhecimento, cabe-lhe “[...] garantir aos alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências de uso da língua portuguesa tanto no que diz respeito à oralidade quanto à escrita.” (FRONCKOWIAK; AYRES; LEBLER, 2019, p. 259).

Ainda em relação ao papel da escola, Saraiva (2001) reforça que esta é que assume a função de formação de leitores, aperfeiçoando essa habilidade, tratando a leitura e a escrita como complementares entre si, já que são as instituições educativas que realizam a inserção das crianças no mundo literário, no universo dos gêneros literários e, para isso, um espaço na rotina é destinado às propostas de leitura, de contação de histórias, de trabalho com os textos.

A pergunta que, como educadores, faz-se é: como considerar as crianças, desde a educação infantil, nesse processo de contato com as histórias, com a escrita, com momentos de aproximação com os registros e sua função social? São apenas decodificadoras ou estas podem ser consideradas, também, como participantes do processo? Para analisar estas questões com um olhar mais analítico e reflexivo é que se percebe os rumos das propostas de leitura e escrita no planejamento. Se são apenas com atividades de cópia, muitas vezes, não se consegue conduzir da melhor forma, haja vista que há uma representação na escrita do modo como as crianças utilizam a língua oral e isso precisa ser considerado, acolhido e avançado com práticas que garantam a participação de todos, tendo a língua escrita como um norte a ser seguido.





Saraiva (2001) afirma que a leitura tem um sentido social, está em várias áreas da vida das pessoas e que é um objetivo a ser alcançado pela escola e pelos professores, nas práticas. Para tanto, necessitam selecionar os materiais e obras literárias que deem suporte à tarefa de relacionar os saberes linguísticos dos alunos aos componentes do currículo institucional, com destaque para a reflexão sobre a realidade representada nas obras trabalhadas. Entende-se que a oralidade, a leitura e a escrita têm uma função social, trazem marcas da realidade e é na escola que a apreensão do universo escrito é desenvolvida em termos formais, no processo de alfabetização, contudo, a formação do leitor é um processo mais amplo que se estende ao longo da formação escolar e fora da escola.

A oralidade, a leitura e a escrita são aspectos que fazem parte da vida das pessoas. Desde a educação infantil, num viés de letramento, de contato com textos escritos, isso pode ser estimulado e mostrado o sentido social da leitura e da escrita numa sociedade letrada. As crianças são partícipes do processo, não meras executoras e decodificadoras de letras e símbolos, e esta representação reflete-se nas práticas docentes e na relação do texto-leitor-contexto. Recomenda-se o vídeo da pesquisadora Emilia Ferreiro sobre a introdução das crianças na leitura e na escrita, enfatizando elementos da aproximação das crianças com os livros e outros documentos escritos, com experiências afetuosas, que trazem o sentido da cultura letrada, como algo que precisa ser estimulado.



Leitura e escrita na Educação Infantil (8:27)





2. O Ensino da Língua Portuguesa para as Crianças

O ensino de língua portuguesa para crianças é desenvolvido por meio do tripé oralidade, leitura e escrita, com destaque para a literatura, a análise discursiva e a compreensão que a língua, oral ou escrita é um processo dinâmico. Nesse viés,

[...] o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa visa aprimorar os conhecimentos linguísticos e discursivos dos alunos, para que eles possam compreender os discursos que os cercam e terem condições de interagir com esses discursos. Para isso, é relevante que a língua seja percebida como uma arena em que diversas vozes sociais se defrontam, manifestando diferentes opiniões. (PARANÁ, 2008, p. 50).

Parte-se dos saberes das crianças, como elas se expressam, as questões ligadas à cultura, à vivência, mas sempre com um trabalho pedagógico de aprimoramento, para que elas se apropriem de novos saberes linguísticos para utilizá-los em outras situações, realizando leituras e expressando-se oralmente e pela escrita.

2.1 O trabalho pedagógico com a linguagem oral e escrita na educação infantil

Na rotina na etapa da educação infantil, com crianças menores de seis anos, há espaços para o diálogo e a contação de histórias e o cantinho da biblioteca, práticas que promovem o desenvolvimento da oralidade e a aproximação das crianças com objetos escritos (livros, textos em geral).





Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2009) há a ênfase em que a criança é ser de direitos e nas interações que realiza, ou que são proporcionadas nas instituições de ensino, ela imagina, cria, produz cultura. Nesse sentido, a criança é um ser capaz e os estímulos e a proposição de atividades voltam-se ao cunho pedagógico e à brincadeira livre e possibilidades de estimular a oralidade e apresentar objetos escritos da cultura. Nas DCNEI (2009), as interações e as brincadeiras são eixos das propostas pedagógicas e a linguagem oral e escrita faz parte dos currículos, como consta no Art.9, III, sobre as práticas pedagógicas, que “[...] possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos [...]”(BRASIL, 2009, p. 4).

A Base Nacional Comum Curricular (2017), da etapa da educação infantil, ampara-se nesse conceito de criança das DCNEI (2009), e na ideia de práticas pedagógicas com as brincadeiras, a ludicidade como essenciais para o desenvolvimento das propostas, já que o brincar é posto como um direito da aprendizagem, nessa etapa, e os temas/conteúdos são organizados por meio de campos de experiência para crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. A linguagem oral e escrita está presente no campo de experiência **Escuta, fala, pensamento e imaginação** que possui como objeto de conhecimento todas as situações que promovam a fala da criança, a escuta, o diálogo, e a curiosidade acerca da escrita:





[...] a Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2017, p. 44).

E, a partir desta afirmativa, a BNCC (2017) propõe sugestões para se ampliar o universo da oralidade e o estímulo à participação da criança nos campos da leitura e da escrita. Isto posto, não se enfatiza que na etapa da educação infantil se dê o adiantamento do processo de alfabetização propriamente dito, com a aquisição do código formal de escrita, mas que as práticas ocorram numa perspectiva do letramento, que diz respeito aos usos do objeto cultural – escrita – em situações da vida das crianças e das famílias, com ênfase na função social.

Também, na BNCC (2017), os campos de experiência são trabalhados em conjunto para a interação entre eles, a depender de como e por quê se explora cada um, atendendo à cronologia das idades propostas, os objetivos a serem alcançados, lembrando de se respeitar as crianças com quem se trabalha, seu contexto e a realidade institucional, os materiais disponibilizados, as formas de acompanhamento (entendendo que a avaliação se dá numa vertente qualitativa, sem fins de promoção), e visando sempre a interação entre as crianças e adultos.





Quadro 1 - Campo de experiência escuta, fala, pensamento e imaginação

Objetivos	Sugestões de práticas	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">• Ampliar a livre expressão;• Interagir com os outros e o mundo, por meio de diversas formas;• Expressar-se com materiais diversificados;• Compreender o uso da escrita em situações da realidade;• Participar de vivências que promovam a construção da identidade, o diálogo, e o registro do vivido.	<ul style="list-style-type: none">• Audição de histórias – a literatura infantil como universo a ser explorado;• Observar textos que circulam no contexto familiar, escolar e demais ambientes sociais;• Contato com diversos gêneros textuais – fábulas, contos, receitas, bilhetes, charges, entre outros;• Brincadeiras cantadas, rimas;• Leitura de imagens;• Expressão por meio do desenho e outras linguagens artísticas sobre as leituras realizadas, dialogadas, no intuito de promover hipóteses de escrita;• Imitar personagens das histórias, mudar a voz, gestos, expressões faciais.	<ul style="list-style-type: none">• Como as práticas são marcadas por intencionalidade, cabe ao professor identificar, por meio dos registros realizados com as crianças, os progressos, desafios a serem superados, dificuldades, monitorando se os objetivos de aprendizagem foram atingidos.• O educador atua como alguém que organiza, acompanha, retoma as propostas necessárias, estimula, e acolhe as dificuldades a serem superadas, numa perspectiva de acompanhamento, sem fins de promoção.

Fonte: Organizado pela autora, com base em BNCC (2017).





Sobre estes aspectos elencados, Galvão (2016) expõe que, embora os estudos sobre letramento apontem que este se dá em situações de uso da escrita na sociedade como um todo, também indica a necessidade de visualizar a relação das crianças com a escrita, de modo mais amplo e nisto está o papel da escola que, em ambientes em que as crianças têm menos acesso aos livros e demais materiais escritos, é ela que tem a função de aproximá-las da cultura escrita, incluindo-as para que o acesso ocorra. Reforça que as interações e brincadeiras precisam estar presentes e afirma:

[...] o objetivo da Educação Infantil não é a alfabetização *stricto sensu*. Embora crianças da pré-escola possam se alfabetizar por interesse particular a partir das interações e da brincadeira com a linguagem escrita, não cabe à pré-escola ter a alfabetização da turma como proposta. Na Educação Infantil, muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças, desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais; é dar-lhes oportunidade de perceberem lógicas da escrita tais como sua estrutura peculiar (não se fala como se escreve), sua estabilidade (as palavras não mudam quando a professora lê uma história) e os múltiplos papéis que desempenha nas sociedades contemporâneas (utilitário e estético) (GALVÃO, 2016, p. 26).





Esta concepção evidencia que, se a criança tem curiosidade e o professor vê a possibilidade de trazer elementos da cultura escrita para aproximar e estimulá-las, é bastante válido que se avance. Contudo, o foco é a criança como ser histórico e expressivo e há que acompanhá-la, observar seu desenvolvimento, perceber cada uma e o grupo em suas dinâmicas.

2.2 O trabalho pedagógico nos anos iniciais do ensino fundamental

Nos anos iniciais do ensino fundamental (do 1º ao 5º ano), acontece o processo de alfabetização propriamente dito, com práticas que promovem a aquisição do sistema formal de escrita em contextos amplos de uso desta. Muitos estudiosos, como Soares (1995; 2004), destacam que essas práticas estão relacionadas às situações da experiência das crianças, considerando que a leitura e a escrita são habilidades necessárias e quanto mais vinculadas às vivências das crianças, mais elas estarão mobilizadas a internalizar os códigos, símbolos e a relação texto-contexto.

A inserção das crianças no universo que é a escrita contempla muito mais que a aquisição de um código, o conceito mais restrito e técnico de alfabetização. Ou se entendendo “[...] por alfabetização a inclusão em um universo cultural complexo em que a escrita aparece como mediadora de valores e de formas de conhecimento [...]” (BRITTO, 2012, p. 15-16), então, o processo inicia antes do ensino fundamental e prolonga-se por toda a escolarização. “Letramento (ou alfabetização), nesse sentido, significaria viver no mundo da escrita, dominar os discursos da escrita, ter condições de operar com os modos de pensar e produzir da cultura escrita.” (BRITTO, 2012, p. 16).





Tendo isso como premissa, entende-se que quanto mais diversificado o repertório de situações em que a oralidade, a escrita e a leitura são exploradas (na continuidade do trabalho na educação infantil), faz-se que isso seja um processo mais natural para as crianças, haja vista que vislumbram os usos nas situações diárias. Este é trabalho contínuo e que exige pesquisa e planejamento por parte dos educadores, ancorados em referenciais teóricos e atividades que cumpram o objetivo, compreendendo que a criança é um ser social que aprende na interação com o meio, com o mundo, com as pessoas: “A criança torna-se falante de sua língua materna, porque observa ativamente o que se fala à sua volta e, nessa observação, estabelece relações, busca regularidades, faz generalizações.” (AVILA, 2017, p. 78).

De acordo com Avila (2017), as hipóteses de escrita formuladas pelas crianças, registram uma letra para cada sílaba, por exemplo, e o educador é alguém que as estimula a tentar aproximar-se da real escrita da palavra e, assim, elas percebem as diferenças dos registros, que um texto é diferente de uma imagem e que cada um deles tem uma função.

Quando a criança constrói a hipótese que para cada emissão de voz insere-se uma marca no papel, há a base para uma escrita alfabética, como explica Avila (2017):

Quando a criança descobre a relação entre fonema e grafema, ela se apropria de mais um segredo do código. Nesse sentido, seria possível dizer que ela escreve e lê quando compreende as leis de composição interna do sistema de escrita de sua língua. (AVILA, 2017, p. 80).





Nesse trabalho pedagógico com a língua escrita, a literatura infantil é um elemento relevante para que a aquisição se concretize. Zen (2017) destaca que a literatura é vital para a imaginação das crianças vir à tona. Aí encontra-se também a brincadeira com as palavras, conhecer significados distintos, palavras novas, nomes de lugares, personagens fantásticos e temas que estão relacionados à problemáticas da faixa etária das crianças. Mas tudo isso exige do educador uma boa seleção de obras e estratégias de leitura a serem estabelecidas na relação adulto-crianças-texto-contexto. Considerando estas questões, pontua-se, com base em Zen (2017), algumas estratégias para a leitura fazer parte do cotidiano com as crianças nos anos iniciais:

- Ler histórias variadas para crianças. Cria-se uma hora do conto ou hora da novidade para criar uma expectativa.
- Ao ler a história, o educador mostra os elementos que compõem o livro: imagens, gravuras, tipo de letra, a editora que publicou, alguma curiosidade sobre o autor, quem é o ilustrador, por exemplo.
- O educador antes estuda a história e conta às crianças, utilizando fantoches, ou mudando a voz para cada personagem, cria um personagem que é o contador da história, monta um cenário para realizar uma performance na hora do conto.
- Zen (2017) pontua que a leitura de contos de fadas traz muitos repertórios para serem explorados que são válidos.
- Demonstrar às crianças que o livro é consultado em qualquer momento e que as histórias que gostaram são lidas várias vezes, mas que há muitas histórias a serem conhecidas!

Imagem 2 - Garoto e o livro



Fonte: Sabrina Eickhoff/Pixabay.com



Britto (2012) utiliza a expressão ler com os ouvidos para essas experiências realizadas, desde a educação infantil e que perduram nos anos iniciais. Os momentos em que o adulto lê para a criança são ricos em outras experiências com o texto escrito, trazidas pela voz do educador. “Quando alguém estuda um texto escrito enunciado em voz alta, ele está lendo o texto, mesmo que para isso utilize outro sentido (a audição).” (BRITTO, 2012), p. 16). Tendo esta referência, afirma-se que a experiência é extremamente válida, já que, ao se perguntar às crianças o que compreenderam após a leitura de uma história, elas demonstram entendimento e trazem novos significados, elementos da vida, dos sentimentos e das percepções de quem vivenciou um momento de afeto e estímulo com o livro, com a história, com a atenção do educador!

Sobre a linguagem escrita e as fases silábico-alfabética e alfabética, propõe-se que visualizem o vídeo com o tema “Alfaletrar”, numa perspectiva de aquisição do código formal da escrita e contextos situados de aprendizagem da língua materna, com análise da pesquisadora Magda B. Soares.



Fases silábico-alfabética e alfabética (11:14)





3. A Prática Docente e a Língua Portuguesa: Planejamento e Elaboração de Propostas

Neste item apresenta-se algumas sugestões de trabalho pedagógico com a oralidade, leitura e escrita na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Expõe-se as propostas de modo que cada educador, ao pensar nas crianças com as quais trabalha, adapta, reorganiza e amplia. Algumas servem como estratégias, tanto para um nível quanto para outro, basta a análise de desenvolvimento das crianças, a faixa etária, os materiais, e o contexto de concretização.

No que diz respeito à oralidade, na educação infantil, há a roda de conversa, uma etapa inicial na chegada das crianças, quando contam fatos ocorridos ou o educador conta uma história que mobiliza as demais atividades ou usa o espaço para apresentar um material didático novo. A roda de conversa é um momento coletivo, em que cada criança tem espaço para expressar-se, conforme a pedagogia do educador francês Freinet. A autora Santos (1996a,) comenta:

[...] *momento de conversa*: no qual as crianças, porque são ouvidas e valorizadas, sentem-se à vontade para falar de suas alegrias, de suas tristezas, de seus medos, de sua realidade, de suas fantasias. Os diferentes temas abordados trazem a vida da criança para a sala de aula. Alguns são registrados no livro da vida, outros são enriquecidos nos ateliês, outros geram sugestões e questões que, muitas vezes, dão origem a projetos coletivos [...] (p. 37, grifo no original)





Pode ser criada, na rotina semanal, a hora do conto, na qual o professor ou as crianças escolhem uma história, leitura de poemas, contos. Há a possibilidade de criar histórias, ressignificar o experienciado pela leitura em voz alta do professor ou, no caso de crianças já alfabetizadas, fazer um rodízio, no qual as próprias crianças leem para os colegas uma história de sua escolha.

As narrativas feéricas, [...] as fábulas, as lendas, os mitos, juntamente com textos contemporâneos que apresentam situações reais e imaginárias, compõem o repertório literário para crianças. E as formas de disponibilizar essas narrativas às crianças é um exercício contínuo, pois várias são as opções.

A leitura oral ou a 'contação' de histórias são estratégias válidas, desde que o professor diversifique a sua prática pedagógica, não se apoderando de uma única estratégia [...] Se nas histórias contadas as terminações verbais e a pluralização das palavras são suprimidas (muitas vezes engolimos os 'erres' e os 'esses' dos vocábulos) e ganham ênfase as expressões gestual e facial, na leitura em voz alta prevalece o uso da língua padrão, o que possibilita à criança interagir com um vocabulário rico, ampliando as suas habilidades linguísticas. (DEBUS, 2006, p. 76).





O educador francês Freinet (1896-1966) ao entender a criança como ser participativo, tendo a livre expressão e o respeito ao ser humano como uns de seus princípios, desenvolveu técnicas pedagógicas que auxiliam no trabalho da língua oral e escrita. Para a análise linguística das produções escritas pelas crianças, este educador criou o texto livre. Esta técnica nasceu pela necessidade de trabalhar para além dos manuais escolares. “Portanto, a prática do texto livre requer um ambiente de trabalho onde haja condições para que a criança se expresse por escrito e para que sua expressão escrita seja dinamizada num circuito de escuta, de leitura, de edição.” (SANTOS, 1996b, p. 161).

As etapas da técnica do texto livre compreendem:

- a criação ou escrita-expressão, na qual se possibilita que a criança escreva as ideias de forma livre. Conta-se com o apoio de outras técnicas para produção textual;
- a socialização do texto, no qual as crianças comunicam as produções. Não se restringe apenas a uma leitura em voz alta, são proposições de sessão de leitura;
- o aprimoramento do texto diz respeito a um aperfeiçoamento, melhorando o texto, reescrevendo, de forma coletiva. Destaca-se o trabalho ligado à ortografia, à sintaxe, à semântica e à estilística. É um processo realizado com pequenos grupos, com o grupo todo ou o autor com o professor;





- no tratamento visual do texto atenta-se à imagem visual, à diagramação ou a escrita em um cartaz, para o mural da turma, se será ilustrado com desenhos, se serão feitas cópias de xérox para os colegas de turma, ou divulgado em um blog ou página de rede social. Tudo isto deve ser consentido por parte das crianças e socializado também com as famílias ou responsáveis.

O autor Junqueira Filho (2012) propõe práticas de leitura e escrita com crianças desde a educação infantil, tendo a ludicidade como eixo das propostas que auxiliam o educador. Destaca: a confecção de livros de história, incluindo ilustrações/desenhos das crianças, elaboração de livros que resultam de temas trabalhados, como em projetos pedagógicos, e para além dos desenhos, incluem-se recortes de revistas, encartes de lojas, propagandas, entre outros, utilização da escrita de cartas para outras turmas, organização de convites de celebrações da escola trabalhos com receitas, as quantidades dos ingredientes, realização da receita e criação de um caderno da turma com receitas diversificadas, leitura de poesias, exploração e tentativas de escrita pelas crianças; elaboração de um jornal ou revista escrevendo matérias, ilustrações, propagandas que abrangem muitas possibilidades de criação e imaginação.

A autora Debus (2006), ao tratar da leitura literária, apresenta alguns recursos que são válidos para a contação de histórias, apresentados a seguir:





Quadro 2 - Recursos para contação de histórias

Contos desenhados

Contos desenhados



Formas animadas



São bonecos ou fantoches que assumem a contação da história. Um auxiliar mágico do educador.

Contos que as caixas contam



Contação de histórias a partir de uma caixa que guarda segredos, sejam objetos, figuras, entre outros.

Dobradura/origami



Conta-se a história confeccionando os personagens/objetos de papel, com técnicas próprias. É uma técnica japonesa, a arte de dobrar papel.

Avental



Confeccionado como o avental de uma cozinheira, com gravuras afixadas com velcro no avental, que permite a proposição de vários personagens.

Caracterização



O educador veste-se com roupas e acessórios que caracterizam um personagem para proceder, então, com a contação da história. Ex.: fada, bruxo, cientista, entre outros.

Imagens utilizadas:

Quadro - brgfx/Freepik.com
Caixa - upklyak/Freepik.com
Avental - pch.vector/Freepik.com
Fantoches - pch.vector/Freepik.com
Origami - pch.vector/Freepik.com
Aventureira - brgfx/Freepik.com

Fonte: Organização própria com base em Debus (2006).



Além das propostas, atualmente conta-se com recursos multimídia que trazem histórias, filmes, propagandas, vídeos com temas diversos e que, a partir deles, organiza-se propostas de produção textual, análise e reflexão sobre outras formas de registro a realizar (desenho, escultura, produção de um mural, jogo, entre outros).

Recomenda-se o vídeo que trata da temática “Importância da criança escrever conforme suas ideias” com a pesquisadora Emilia Ferreiro, que reflete sobre o uso da linguagem, seja oral ou escrita, como um processo que é vivenciado pelos sujeitos e aprimora-se com o uso, o que a escola estimulará.



Importância da criança escrever conforme suas ideias (4:50)





Considerações Finais

O material traz aspectos reflexivos acerca da oralidade, leitura e escrita, componentes do ensino e trabalho pedagógico com a língua portuguesa com crianças, na etapa da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Mostra que o trabalho com a linguagem oral e escrita são situados e relacionados à vivência das crianças, o que promove uma aproximação delas com a cultura escrita. Como elemento articulador estão os diferentes gêneros textuais, os espaços de contação de histórias e a promoção da leitura na escola.

O ensino da língua portuguesa requer planejamento por parte do professor, considerando as crianças, o contexto e nível de aprendizado com vistas a uma avaliação que contemple os registros realizados, o acompanhamento das atividades, e o progresso das crianças frente às propostas nesse campo do conhecimento.





Referências

AVILA, I. S. A alfabetização e o papel do lúdico. *In*: REDIN, M. M. *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017, p. 76-82.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 5/2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009b, Seção 1, p. 18.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – 3ª versão. 2017. Disponível em: http://basenacional-comum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRITTO, L. P. L. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. *In*: FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. de. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. 3. ed. ampl. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 3-19.

DEBUS, E. **Festaria de brincança**: a leitura literária na educação infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky e Wallon. *In*: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (org.). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 27-38.

FRONCKOWIAK, A.C. AYRES, C. R.; LEBLER, C.D.C. Oralidade, leitura, escrita e formação de professores: tecendo reflexões. **Fólio** – Revista de Letras. Vitória da Conquista, v.11, nº1, p. 257-272, jan./jun. 2019.

GALVÃO, A. M. de O. Crianças e cultura escrita. *In*: BRASIL. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil**: práticas e interações. Brasília: MEC/SEB, 2016, p. 15-41.

JUNQUEIRA FILHO, G. de A. Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil. *In*: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (org.). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 135-152.



PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica** – Língua Portuguesa. Curitiba: SEED/DEB, 2008.

SANTOS, M. L. dos. A vida na sala de aula freinetiana. *In*: ELIAS, M. D. C. (org.). **Pedagogia Freinet**: teoria e prática. Campinas, Papirus, 1996a, p. 33-39.

SANTOS, M. L. dos. Texto livre: expressão viva num sistema interativo. *In*: ELIAS, M. D. C. (org.). **Pedagogia Freinet**: teoria e prática. Campinas: Papirus, 1996b, p. 157-166.

SARAIVA, J. A. A situação da leitura e a formação do leitor. *In*: SARAIVA, J. A.(org.). **Literatura e Alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 23-28.

SOARES, M. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 0. Set./out./nov./dez., 1995, p. 5-16.

SOARES, M. Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, ano VIII, n. 29, p. 20, fev./abr. 2004.

ZEN, M. I. H. D. Sobre a literatura infantil: mania de ler... Mania de aprender. *In*: REDIN, M. M. *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017, p. 82-85.



O Ensino da Língua Portuguesa e os Aspectos Pedagógicos no Trabalho com as Crianças – Sandra Regina Gardacho Pietrobon

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Ernando Brito Gonçalves Junior
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Francesca Tosolini/Unsplash
Capa

Aneeqe Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones

07/2022

